



IDENTIDADE NO ENVELHECIMENTO DE TRAVESTIS

Rodrigo Pedro Casteleira¹

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo investigar a identidade do envelhecimento a partir das memórias das travestis com idade acima de 40 (quarenta) anos da cidade de Maringá, no Paraná, baseando-se nos estudos da oralidade de suas memórias, bem como a compreensão que as travestis possuem da velhice em relação ao próprio corpo, a visibilidade de ser travesti e como a transformação de seus corpos lhes dá suporte para uma resistência à velhice. Pretende, ainda, revelar como é a relação do corpo enquanto transformação constante, quais implicações os processos de modificação exerceram, quais as preocupações com o envelhecimento e se o cruzamento entre ser travesti e envelhecimento lhes transportam para a invisibilidade.

Palavras-chave: travesti, envelhecimento, memória, corpo.

Definindo posturas.

É possível encontrar diversas obras que tratem da autoestima², sobretudo quando tais obras se versam na infância ou na adolescência, contudo, não se aprofundam nas questões de gênero e sexualidade, limitando-se tão somente a análises médicas e psiquiátricas. Como tratar, então, da autoestima de travestis, que parecem permear as cidades? Ou ainda, como descrever a autoestima de travestis no seu processo de envelhecimento? Segundo Fávero (2010) existe uma escassez de referências, sobretudo na psicologia, acerca da sexualidade de idosos, sua felicidade, e o que se encontra está relacionado à abordagem biomédica, ignorando outros processos.

Esses processos ignorados podem ser elencados como: o papel desempenhado por travestis em uma cidade; como uma travesti percebe o envelhecimento; como se dão as memórias das travestis ou mesmo como se dão as movimentações das travesti ao passar dos anos, tendo por pressuposto de análise as travestis de Maringá, que também sejam profissionais do sexo³. Segundo Silva (1993), as travestis sofrem de um duplo processo constante: o da humilhação social, como repúdio aos que se prostituem, e o da

¹ Mestrando em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Maringá. pccasteleira@gmail.com.

² Cf. FÁVERO, Maria Helena. 2010.

³ O ser travesti não implica necessariamente em ser profissional do sexo, o que ocorre comumente no senso comum. No presente trabalho o que se pretende é estabelecer uma relação entre envelhecimento, travesti e sua atuação enquanto profissional do sexo, ressaltando ainda que a palavra travesti será associada ao artigo feminino durante o desenvolvimento do texto, uma vez que ela representa a feminilidade, o ser feminino e femínia.

busca eterna pela beleza, como não apenas uma feminilização, mas uma reinvenção do feminino, porém, a própria ambiguidade “é um traço forte no *ethos* do travesti, pois ele é visto como um desviante, embora o fato de ele ir para a rua constitua uma contradição se considerarmos que a noção de proibido sempre remete para a noção de escondido e o desvio deve ser realizado em âmbitos sociais periféricos e pouco frequentados” (SILVA, 2009).

Esse desvio pode ser observado primeiro em relação ao corpo, que outrora era biologicamente masculino, mas que se ressignificou como feminino, isso graças à utilização de hormônios, aplicações de silicone, muitas vezes industrial, pela utilização de indumentária (perucas, apliques, salto alto, maquiagem) etc., o que desconstrói ideias biológicas de corpo como paradigma fixo e imutável. O não pertencimento ao sexo biológico, juntamente à homossexualidade, lhe conduz à identidade de pertença: a feminina, mas não apenas feminina, como descreve Silva (1993), mas uma outra identidade de feminino. Para a sociedade uma postura como esta é inaceitável, uma vez que o “diferente” sempre “é patológico e precisa ser isolado e obscurecido”(Idem, 2009).

E não apenas isso. O corpo ‘construído’ pela travesti é um corpo que deve atender seus propósitos subjetivos e privados, enquanto desejo de ser mais feminina, ter cabelos mais compridos, entre outros, mas atende também propósitos objetivos e públicos, uma vez que seu corpo será um meio de trabalho visto por clientes que buscam prazer. Baudrillard (2008) revela um corpo não apenas como sinônimo de organismo, mas como consumo, e neste aspecto é possível associar ao que escreve ao corpo da travesti, uma vez que a beleza impositiva leva ao erótico, ao sexual. Contudo, o corpo, ainda que ‘transformado’ ou ‘tecnológico’, está sujeito às ações do tempo, então, a busca pela eterna beleza esbarra no envelhecimento, na redução gradativa de clientes, ou de preço e, portanto, da autoestima.

Os objetos que elas consomem são traduzidos por “signos homogêneos que (...) conseguem permutar as respectivas significações (nisto consiste o seu ‘valor de troca’) e ‘fazer-se valer’ reciprocamente” (BAUDRILLARD, p. 177). Ainda que Baudrillard tenha em mente as mulheres como referência, é possível associar os mesmos conceitos às travestis e seus objetos de consumo. Tais objetos lhes conferem a feminilidade, afastando-as do estereótipo masculino para que se enquadrem no feminino. A utilização das indumentárias, dos hormônios, e demais objetos, implica na transmutação do corpo que consome objetos em corpo-objeto para o consumo. O corpo, então, “ajuda a vender.

A beleza ajuda a vender. O erotismo promove igualmente o mercado” (Idem). A travesti se rende à venda, à tentativa de não sucumbir ao tempo e por isso consome.

Faz-se necessário investigar a memória e percepção do envelhecer das travestis que sejam profissionais do sexo ou não, o que agrega duas condições vistas como negativas para a sociedade: o envelhecimento e o ser travesti. Como um corpo que consome para ser consumível se apercebe do desgaste do tempo, como resistem a este desgaste e como percebem o envelhecimento do corpo-objeto que lhe é próprio e das outras travestis. Não obstante, por se tratar de um texto em construção, para a conclusão do mestrado, possíveis resultados ou conjecturas parecerão um tanto difusas, confusas, inacabadas, e o são, mas a possibilidade de reconstruí-lo pode, tomadas as proporções devidas, se assemelhar ao próprio conceito de reconstrução corporal travesti, como um devir heracliano constante.

O processo de envelhecer

O envelhecimento não é uma etapa que se chega de imediato, mas um processo que se inicia com o nascimento, ou seja, o envelhecimento é um processo indissociável ao ser humano e revela conquistas que são feitas socialmente. Contudo, modifica-se em desafios que devem ser enfrentados por várias esferas, como a governamental com o poder público, a esfera do poder privado, a da sociedade, entre outras, dada a tamanha complexidade que deve ser encaminhada a questão.

Machado (2003) dá, num primeiro momento, um parecer de negatividade acerca do envelhecer, onde para ele o envelhecimento é uma degeneração, definhar-se, tornar-se incapaz, impotente, não produzir, é tornar-se dependente. Contudo, a potencialidade humana lhe permite experimentar o desenvolvimento através das várias fases desse processo, que vai da concepção até a morte física. Assim, cada travesti, por exemplo, tem a oportunidade de construir o próprio corpo e a sua história considerando o tempo e a especificidade individual, são suas habilidades e a fase da vida que vive que promove o desempenho próprio da dita fase.

Fávero (2010) remete à Twigg (2004) para defender a ideia de que se envelhece mais pela cultura do que pelo próprio corpo, “assim o primeiro aspecto salientado por Twigg é que a cultura dominante media significados sobre o envelhecimento e isso repercute nas nossas vidas desde muito cedo, o que nos leva à preocupação com os chamados sinais de envelhecimento nos nossos corpos” (FÁVERO, 2010, p. 244). A travesti envelhece segundo estes conceitos de fase de vida e de cultura, ainda que seu

corpo esteja submetido à busca constante da beleza e da recusa do tempo, elas têm a possibilidade e oportunidade de envelhecer vivenciando, em certos casos, as doenças comuns do envelhecimento, as que também são ocasionadas pelo uso excessivo de hormônios femininos e outras deixadas pela utilização do silicone industrial utilizados para ‘construir’ o corpo.

Mas esta categoria de corpo imprime não a ideia de que as pessoas sejam avaliadas pelo quanto sejam idosas, mas pelo quanto não são jovens, isso graças à dicotômica categoria de cultura: ser jovem e ser idoso, como esclarece Fávero, ao descrever que “esses dois aspectos tem razão de ser no contexto da sociedade de consumo, no qual o corpo torna-se um projeto a ser trabalhado, moldado e controlado, um lugar de autoidentidade e, ao mesmo tempo, de consumo, um objeto, enfim, como discutido antes” (Idem, 2010, p. 245).

Mesmo como objeto é possível retardar o processo de envelhecimento com o uso de cosméticos, medicamentos, procedimentos cirúrgicos, entre outros, suscitando a questão sobre a existência de fato de um período da vida para que se considere uma pessoa como velha, “assim, tecnologias cada vez mais sofisticadas para o monitoramento desse corpo são criadas continuamente, em um mundo de espelhos, tanto no sentido literal como não literal, que revela esse corpo por inteiro e em detalhes, ao mesmo tempo em que a mídia expõe corpos *seminus* dentro de um padrão de perfeição que nega a idade e que defende uma magreza ideal (...)” (FÁVERO, idem).

Como falar da velhice travesti, em virtude de utilizarem as mais diversas formas objetivando a (re)invenção do corpo? E mais, que lugar ocupa, e se percebe, a travesti que é considerada como “velha” na sociedade do espetáculo e do exótico?

A memória amarrada, siliconada e compartilhada.

Para que se compreenda a relação do corpo das travestis faz-se necessário a investigação a partir das memórias de si que tais atores detém, para tanto, uma análise do que Pollak (1989) e Halbwachs (2004) delimitam pode dar um panorama de como o estudo da memória é salutar para o presente trabalho.

Halbwachs (2004) afirma que o indivíduo que se lembra de determinada época, ou mesmo acontecimento ou período é sempre um indivíduo inserido e habitado por grupos de referência, o que revela uma construção de memória a partir de grupos. Porém, esta construção de memória é realizada graças a um trabalho do próprio sujeito. A partir disto, torna-se fundamental a compreensão do que significa o grupo e as

condições para a construção da memória, o que se verifica em Bosi (1994), quando descreve que “Halbwachs amarra a memória da pessoa à memória do grupo; e esta última à esfera maior da tradição, que é a memória coletiva de cada sociedade”.

Um grupo, como no caso de travestis, influencia a memória de forma que este ato de lembrar torna-se uma lembrança viva, ou mesmo pode tornar-se como dado abstrato, ou ainda vir a ser uma imagem, isso graças à referência estabelecida entre o grupo e o indivíduo que já fizera parte do mesmo, compartilhando pensamentos, identidades e um passado comum. Este sentimento de ‘pertença’ revela-se presente no indivíduo, o que implica em retomar os modos de pensar e as experiências comuns do grupo, promovendo ainda certa vitalidade às imagens, que são fundamentais para a constituição da memória. Estas memórias, ou imagens, podem traçar um perfil, ou esboço de como as travestis relembram dos próprios corpos e do grupo que se enquadram. Estas relações sociais de grupo estabelecem vitalidade, e nutrem a própria memória, sendo, portanto, processo coletivo e encerrado num contexto social preciso (POLLAK, 1989).

O reconhecimento da lembrança conduz ao sentimento daquilo que já fora visto, ou vivido, e a reconstrução diz respeito ao resgate dos acontecimentos do que já fora vivenciado no passado, num emaranhado de interesses e preocupações localizadas num espaço e tempo específicos, onde há uma relação entre os grupos de referência. O que se tem é a interpretação de Halbwachs do grupo como responsável pela construção de ideias, sentimentos, dados e noções comuns aos indivíduos. Desta forma, a memória nada mais é do que o reconhecimento e o ato de reconstrução da mesma pode ser estabelecido como a atualização dos quadros sociais, onde as lembranças podem permanecer ou não, e ainda articular-se entre si, o que promove a memória coletiva.

Esta memória coletiva pode ainda ser compreendida como história vivente, sob a perspectiva de um passado que é reconstruído e vivificado, este, portanto, é ressignificado. Pollak (1989), por sua vez, acrescenta ainda uma interação entre “o vivido e o aprendido, o vivido e o transmitido”, sendo aplicado a todas as formas de memória, seja coletiva, individual, familiar ou de pequenos grupos.

Parece haver, a partir de tais premissas, uma completude na memória coletiva, não se observando fissuras, sobretudo por transformar estes fatos em imagens e ideias, uma certa linearidade que se conecta entre o passado e o presente. Para Halbwachs (2004) a possibilidade de memória coletiva traduz-se num fenômeno mágico capaz de curar ferimentos do passado na atualidade. Pollak (1989) corrobora esta mesma ideia,

pois a memória coletiva oficial se impõe às memórias subterrâneas, ou seja, às memórias que não puderam ser expressas na coletividade, por serem oprimidas ou dominadas pela própria memória coletiva.

Desta forma, as imagens e memórias das travestis devem possuir uma conexão entre si, revelando traços comuns sobre seu trabalho na ‘pista’⁴ pertinentes à pesquisa, e podem revelar ainda suas subjetividades acerca do processo de envelhecimento nos espaços de trabalho e/ou de vivência. Sem a dimensão do espaço “ficaria difícil recordar. Mas esse espaço, esse lugar, embora lembrado em diversas dimensões, é tomado de forma básica ao olhar” (BARROS, 2006, p. 48).

Confrontos: relações de si mesma.

Como a pesquisa está em processo, as análises das memórias orais foram postergadas, partido-se primeiramente para a pesquisa de obras e de sujeitos que estejam na faixa etária de corte, o que por si gera uma certa dificuldade, tanto pelas travestis que se disponham a participar, ou ainda pelas considerações subjetivas das próprias idades. Como sugere Barros (2006, p. 47):

A flexibilização das classificações das idades, o esmaecimento das fronteiras etárias, a pluralidade e a heterogeneidade de experiências geracionais têm sido apontados como fenômenos característicos da sociedade moderno-contemporânea. Nesse contexto sociocultural, as idades são apreendidas como etapas que definem estilos que podem ou não ser adotados e delimita fronteiras entre indivíduos e segmentos sociais, como podemos ver na interpretação da juventude ou da “terceira idade” como um modo de ser e de estar no mundo.

As observações, conversas ainda informais e a análise de dissertações⁵ a respeito de uma travesti⁶ de 49 anos, nascida em Maringá e participante de uma religião de matriz africana na condição de Mãe de Santo de uma casa de Umbanda na mesma cidade, revelam a forma que lida com o corpo e sua percepção de si no processo do envelhecimento. Essa travesti não possui vinculação com o ser profissional do sexo,

⁴ ‘Pista’, na gíria das travestis profissionais do sexo da cidade de Maringá, significa ir para a rua a trabalho, ou seja, ir para a prostituição.

⁵ Confira, por exemplo, a dissertação de mestrado de Joyce. M. Shimura, onde a mesma parte de uma análise de memórias travestis vinculadas à educação, corpo e sexualidade.

⁶ Tive um primeiro contato com ela em 2003, quando fui conhecer a casa por causa de uma festa de Cosme e Damião, muito conhecida tanto na periferia como no centro da cidade. Ainda que não pensasse em estudar a travestilidade, fascinou-me observar cada gesto dela como Mãe de Santo, que naquele momento estava incorporada, conhecendo a pessoas apenas horas depois. Retornei diversas vezes para sua Casa, mas com o olhar mais voltado à pesquisa, medindo, calculando, e percebendo que qualquer mensuração técnica apenas implicaria em avaliações estéreis. Ao ingressar no mestrado a oportunidade de observar com mais seriedade e deixar que o sujeito fale de si revelou a possibilidade de um estudo mais conciso, acadêmico e humano.

mas desempenha outra atividade como já citado, Mãe de Santo, e todas as relações de trabalho que esta atividade implica. Os processos de (re)construção corporal aos 32 anos de idade moldados pelo silicone industrial revelam uma prática comum entre diversas travestis, considerado por muitas como beleza e dor como sinônimos, implicando em uma visão de si mais feminina por suas curvas, seus quadris mais avolumados, seus seios mais fartos. Com o decorrer do tempo seria possível questionar que as demais pessoas não percebem as travestis velhas? A velhice confere mais sutileza no trato cotidiano extra-lar? Ao analisar uma de suas falas Emanuela⁷ descreve que:

Ah! Hoje na cidade as pessoas me tratam sempre como senhora. Outro dia me perguntaram se eu ia comprar no nome do meu marido, Emanuel. Eu não precisei dizer nada, porque um vendedor mais antigo veio e disse que era eu, o Emanuel era eu! Mas, ela não entendeu e aí eu expliquei: “o Emanuel no caso sou eu, Emanuela”. Então, a única coisa que poderia, se eu conseguisse, em termos de mudar, seria os documentos. Mas, aí depois eu paro e penso que eu teria que muda todos os documentos do Centro também e desisto. Dá um pouquinho de constrangimento para a outra pessoa, não para mim (SHIMURA, 2012,p. 72).

Os processos de envelhecimento, além de um processo biológico, constituem-se como “construção sociocultural, ligada às expectativas, valores e ética da sociedade” (MEDEIROS, 2005, p. 14), dessa forma, as expectativas de Emanuela enquanto travesti, feminina, envelhecida e envelhecendo, frente à identidade de ‘senhora’ projetada pelos demais são atendidas? Que elementos outros são necessários para que seja contemplada como sujeito, como feminina, como senhora?

Como ‘senhora’, estigmatizada pela velhice, pela travestilidade, ela não ignora o passado, uma vez que declara que “Uma vida sem passado é uma vida sem história. Mesmo que você passou por muita dificuldade e foi doloroso, mas hoje se você parar e pensar só serviu de coisas positivas” (Cf. SHIMURA, p. 74), o que corrobora as palavras de Barros sobre as experiências vividas e lembradas, fortemente “valorizada pelos mais velhos como um dos poucos ganhos da velhice, é o fundamento da narrativa

⁷ O nome Emanuela é sugestão da própria autora da dissertação, como garantia ética de salvaguardar sua identidade. Como partirei também da mesma pessoa como parte da dissertação, penso que analisar suas ações empíricas e falas já delimitadas figure como um processo preliminar para a confecção de uma escrita não mais ampla, mas sob outro viés, sem que seja necessário retomar as mesmas questões já realizadas, o que poderia frustrar a pesquisada, contudo, as questões podem ser retomadas de forma ou análise diferente, como elucida Becker “Nada permanece igual. Nada é igual a coisa alguma. Não operamos no mundo dos químicos, onde podemos tirar uma amostra de substância pura da prateleira e saber se ela é a mesma substância que qualquer outro cientista no mundo estará manipulando sob esse nome, ou equivale a ela para todos os efeitos. Nenhuma de nossas substâncias é algo de puro” (2007, p. 122).

da memória e, do ponto de vista de quem lembra, a experiência é uma interpretação de seu passado” (1999, p. 55).

Não importa, aqui, as relações de verdade, tautologia, aporia ou inconstância de suas memórias, o que importa é compreender que suas narrativas, e a partir delas, revelam os planejamentos de suas ações, e que tais lembranças não estão simplesmente prontas e acabadas, e sim reconstruídas a “cada situação e em resposta aos estímulos exteriores” (Idem). O corpo que incorpora, que dança, que se doa, que fora modificado, que sente e se faz sentir, se modifica a cada dia. Sofre as ações do tempo, contudo, agora esse mesmo corpo pode deixar de carregar o peso negativo da atração “para ser, agora, o corpo liberto de controle social. Um corpo plástico sobre o qual se pode ter algum controle, definir padrões de sexualidade e erotismo” (Idem, p. 57). Emanuela, assim, se sente tranquila com o próprio corpo, com suas modificações e os processos de envelhecer, porém, sabe que existem espaços mais tranquilos de trânsito do que outros, como, por exemplo, um Posto de Saúde das proximidades de sua casa, onde não é bem vista, nem tratada no feminino, elegendo um mais distante, onde se sente acolhida, respeitada e chamada pelo nome social.

A partir das análises das memórias orais e das relações com o espaço em que tais sujeitos estão, é possível, ainda que de forma superficial, estabelecer questionamentos a fim de orientar a escrita, a compreensão dos processos de envelhecimento, travestilidade, corpo e memória. Perceber como o discurso representa a velhice travesti torna-se importante para pensar as “decisões político-administrativas e do caráter das atividades voltadas para um contato direto com os idosos”, como descreve Debert (1999, p. 25) geralmente tomadas pelo gerontólogos, o que não implica que tais decisões acerca do envelhecimento dos sujeitos sejam categorizadas de forma correta e efetiva, uma vez que a velhice é uma construção além da biológica, mas social.

Considerações.

Ao traçar as relações entre envelhecimento, corpo e travestilidade, percebe-se que tais pessoas, ainda que rompam com diversos paradigmas heteronormativos, acabam por sofrer similarmente alguns processos do envelhecimento, contudo, sob estigmas que lhes confere mais invisibilidade: a velhice, em oposição a uma cultura que cobra o corpo perfeito, jovem e sadio, onde as relações com o que lhes circundam não são mais de aproximação, mas de afastamento. O corpo-objeto parece ser mais rejeitado com o passar do tempo. Existe ainda a questão de ser a travesti, que rejeita o binarismo

e instaura uma essência interna, identitária (Cf. BUTLER, 2003), onde a identificação parte de si, como um fluxo determinante de gênero concebido como “uma história pessoal/cultural de significados recebidos, sujeitos a um conjunto de práticas imitativas que se referem lateralmente a outras imitações” (Idem, 2003, p. 197), o que pode ser premissa não para possíveis conclusões, mas questionamentos talvez pontuais: travestis e não travestis envelhecem e sentem as mesmas relações de apartamento? Travestis e não travestis, enquanto gênero feminino, recebem uma carga maior de preconceito ao comparar com o gênero masculino? Como?

Bibliografia:

ANTUNES, Pedro Paulo Sammarco. **Travestis envelhecem?** Dissertação de Mestrado em Gerontologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2010.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. A velhice na pesquisa socioantropologia brasileira. In: VELHO, Gilberto (org.). **Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1999, p. 45-64.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. Velhos e jovens no Rio de Janeiro: processos de construção da realidade. In: VELHO, Gilberto (org.). **Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1999, p.156-173.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa. Edições 70, 2008.

BECKER, Howard S. **Segredos e truques da pesquisa**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro, Zahar Ed., 2007.

BECKER, Howard S. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro, Zahar Ed., 2008.

BENEDETTI, M. R. **Toda feita: gênero e identidade no corpo travesti**. Anas da II Reunião de Antropologia Del Mercosul, Piriápolis, Nov. 1997.

BENTO, B. A. M. A. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual** (Tese, Departamento de Sociologia / UnB). Brasília, Maio 2003.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Taad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira Ed., 2003.

CAMARANO, Ana Amélia (org.). **Os novos Idosos Brasileiros: Muito Além dos 60?** Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

CAMARANO, Ana Amélia (coord.). Como vai o idoso brasileiro? In: **Texto para discussão**. Rio de Janeiro: IPEA, 1999.

CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. Edição revisada, acompanhada de posfácio (1975). Tradução de Arlene Caetano. Coleção Pensamento Crítico – Vol. 48. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

DEBERT, Guita Grin. Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice. In: VELHO, Gilberto (org.). **Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1999, p. 7-27.

FÁVERO, Maria Helena. **Psicologia do gênero: psicobiografia, sociocultura e transformações**. Curitiba: Ed. UFPR, 2010.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 13ª. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

_____. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. 8ª. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

LOURO, G.L. **A história (oral) da educação: algumas reflexões**. Revista Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 16, nº 2, jul./dez. 1990.

MEDEIROS, Suzana. **Brasil: O que dizem os números sobre a pessoa idosa**. Trabalho apresentado no XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambú-MG – Brasil, de 18 a 22 de setembro de 2006.

SHIMURA, Joyce M. **ANA, DULCINÉIA E EMANUELA: narrativas travestis e discursos científicos sobre a construção dos corpos na escola**. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Maringá. Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência e a Matemática. Maringá, 2012.

SILVA, H. Travesti. **A invenção do feminino**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

SIQUEIRA, Mônica Soares. **Sou senhora: um estudo antropológico sobre travestis na velhice**. Dissertação de mestrado em Ciências Sociais. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2004.

VELHO, Gilberto (org.). **Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1999.

WHITE, William Foote. **Sociedade de esquina = Street Corner Society: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada**. Trad. Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro =: Jorge Zahar Ed., 2005.